

OS ARQUIVOS ESCOLARES E A FORMAÇÃO DA MEMÓRIA EDUCACIONAL DA ESCOLA ESTADUAL 26 DE AGOSTO EM CAMPO GRANDE-MS (1936-1982)

MARIA SUSANA MIKUI ALMEIDA*

CELEIDA MARIA COSTA DE SOUZA E SILVA**

A proposta desta pesquisa é a de investigar como têm sido organizados os arquivos escolares da Escola Estadual 26 de agosto, localizada em Campo Grande-MS e como a documentação histórica tem contribuído para a formação e a preservação da memória educacional da instituição. Acreditamos que por meio dos arquivos escolares é possível conhecer o interior da escola, suas especificidades, seus saberes, sua organização, suas práticas curriculares, ou seja, a cultura escolar.

O acervo arquivístico de uma escola advém de suas atividades administrativas e pedagógicas. Em geral, a maioria dos estabelecimentos de ensino apresentam arquivos “ativos” e “inativos” ou “mortos”, denominação que segundo Ribeiro (1992:119), revela o “predomínio de uma noção limitada de sua importância para a administração e, principalmente, para o conhecimento científico”.

Sabemos que um dos problemas graves que ocorrem no interior das escolas é a eliminação de documentos. Desse modo, quase todos os arquivos possuem lacunas, que se devem, principalmente, as falhas nas normas legais que tratam da preservação dos documentos nos espaços educativos. Ribeiro (1992:120) assegura que as normas referem-se tão somente ao “valor probatório dos documentos [...] o valor informativo, que se refere ao seu uso científico e cultural, raramente é considerado.”

Assim, nesta pesquisa objetivamos mostrar a historicidade e materialidade da escola. (Re) conhecer a escola enquanto universo de objetos e instrumentos utilizados no exercício da atividade de ensino-aprendizagem, enfatizando a necessidade de preservação da memória da educação, reconhecendo que a escola é uma das instituições fundamentais da sociedade contemporânea, espaço importante na produção e reprodução da (s) cultura (s).

Desse modo, buscamos na escrita da memória educacional da Escola Estadual 26 de agosto desvelar, o que são seus pertences, seus guardados, suas relíquias ou objetos

* Acadêmica do Curso de História e pesquisadora PIBIC / CNPq da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB.

** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), orientadora, professora pesquisadora da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB.

esquecidos e qual o significado para a *cultura escolar*. Revelar suas especificidades quanto à definição dos saberes escolares; às relações entre a Seleta Sociedade Humanitária Caritativa (SSCH) e o Estado; à organização do trabalho pedagógico e à cultura que produz e reproduz. Um dos desafios para a escrita desta história é a ausência de parte da documentação escolar do período de 1936-1982. Dessa forma, a organização dos arquivos escolares e o debate sobre a definição dos documentos históricos, o (des)aparecimento da documentação motivam-nos a escrita desse trabalho.

Tendo em vista necessidades teórico-metodológicas e construção do objeto eleito para nosso estudo, iniciamos nosso trabalho com o levantamento bibliográfico e seleção de textos que contemplavam as temáticas: *cultura escolar* e cultura da escola; conceitos de cultura; história, tempo e memória; relações sociais, poder e cultura; política, ações e representações.

A pesquisa bibliográfica foi associada à pesquisa documental. Diante disso, fizemos o levantamento e análise de documentos oficiais e não oficiais, caderno de alunos e de professores, diários de professores, registros de eventos, atas que constatavam relatos de atividade desenvolvidos internamente, entre outros. A respeito dos documentos, além de identificá-los estabelecemos mecanismos de análise, a fim de compreender o que há de significativo nas informações expressas nas fontes documentais, e seus significados para a cultura escolar.

O trabalho com o acervo em instituição de ensino permite desvelar o trabalho educacional desenvolvido em determinado período histórico por meio dos documentos, é possível caracterizar a organização administrativa o funcionamento e as práticas pedagógicas.

Nessa pesquisa, intitulada "Os arquivos escolares e a formação da memória educacional da Escola Estadual 26 de agosto em Campo Grande-MS (1936-1982)", buscamos estabelecer o diálogo entre as memórias individuais e as memórias históricas, com outras fontes e informações que possibilitem a escrita dessa história ainda não escrita. Inventariar a instituição educativa foi o primeiro passo. Inventariar os objetos, os mais diversos, entre os quais se inclui a documentação produzida na e pela escola e seus sujeitos. Lembrando sempre que a cultura material e memória emergem em contextos sociais específicos e toda a consideração da herança educativa deve ser contextualizada para ser compreendida.

Uma pesquisa sobre a escola, ao longo dos anos – o perfil dos antigos alunos e dos professores, o regime disciplinar, as transformações nos comportamentos e nos rituais escolares – possibilita estabelecer relações entre a história da educação em âmbito local e nacional, ou seja, entender o que se fazia na escola em determinado período histórico, no caso em questão, na Escola Estadual 26 de agosto, no período de 1936 a 1982.

As memórias podem assumir diferentes formas como social, coletiva e cultural sendo assim um processo dinâmico de conflitos e mudanças. Por meio dela rememora-se e reproduz-se o passado sendo que a memória histórica manifesta-se por diferenças ou por especificidade e procura inscrever as significações do passado e novas maneiras de pensar sentir e agir, compreendendo que a memória passa a fazer parte integrante dos saberes das instituições escolares viabilizando assim o espaço de ensino aprendizagem.

A dimensão social da memória expressa-se, também, de maneira objetivada, “cristalizada” em monumentos e documentos. É importante perceber que a memória – quer em sua dimensão pessoal, quer social – não é o registro de tudo o que passou. A memória é seletiva e envolve uma escolha, mais ou menos consciente, entre o que deve ser esquecido e o que deve ser lembrado. É impossível preservar, física e mentalmente, todo o passado (CASTRO, 2008:p. 18).

É preciso compreender que a memória apresenta-se de forma sempre seletiva, pois há uma escolha do que será registrado, e outras vezes registram algo sem ter a intenção, e outras vezes intencionalmente. Nossa pesquisa tornou-se instigante por buscarmos no cotidiano desta escola os registros do que ocorreu ou não no processo educativo.

O esforço de criar uma memória sem o trabalho de redução da história em arquivos, centros de documentação, está no exercício permanente de considerar o alerta que a história fez no século XX e se repete no nosso século – as experiências de transformação experimental tem sido responsáveis pela destruição sistemática dos suportes da história da memória coletiva. Pois ao criar espaços que são levados a debater a percepção histórica, consolida-se uma consciência de limite temporal e espacial. Por tanto passa a produzir lugares de memória em nome da própria história. Com isso surge o perigo de criar ao mesmo tempo técnicas em que tudo se historicize, ao considerar que toda e qualquer fonte de referência do passado deva ser guardada, arquivada, conservada e recuperada (NEVES & MARTINS, 2008: 45).

Os autores relatam um problema que acontece na prática que é a destruição dos registros por falta de espaço, e lapso de tempo onde acredita-se que o documentos perdem a sua importância, e ainda explana que não deve ser guardado qualquer tipo de documento, mas

com a tecnologia dos dias atuais podemos reduzir uma pilha de papéis em algumas mídias como (CD, DVD, Blu-Ray) eliminando assim o problema de espaço físico. Além disso, uma mídia normalmente tem um tempo de conservação muito maior que o papel, e os documentos não devem ter um limite temporal, pois mesmo que tenha passado um grande período, pode servir como base para pesquisas, pois possuem historicidade.

Na investigação dos arquivos de uma escola deve-se analisar a relevância, dos documentos para pesquisa. Documentos que contribuem para a compreensão do funcionamento das escolas, não são simplesmente um amontoado de registros que não possam ser utilizados. É importante pensar na guarda, no descarte e na conservação destes registros.

Consideramos que nas instituições escolares há muitas histórias e é preciso tomar cuidado ao narrar ou analisar os fatos. O pesquisador necessita ter o controle sobre o que é produzido em sua pesquisa e tem a responsabilidade de registrar uma memória livre de rótulos e que contenha a essência dessa instituição.

Conforme (NEVES & MARTINS, 2008:44) existem os lugares de memórias e esses são locais ricos de informações onde essas memórias competem umas com as outras para que fiquem guardadas conservando suas identidades, trazendo a memória do passado como instrumento de uma realidade no atual, pois a memória só é construída no presente.

A história para Gadamer et. al (1988:9) é de sucessão de acontecimentos reais, e é uma ciência por estar relacionada a tudo que acontece na realidade dos seres humanos: sua criação, seus sucessos, seus problemas sociais e tudo que o homem produz a partir dos acontecimentos que desenrolam no seu cotidiano. A história do homem aborda tudo o que a ele está relacionado, ou seja, todo o universo que com ele interage.

Desse modo, a história existe com e pelo homem, pois ele tem a capacidade de criar fatos. A história acontece independente do sujeito que a gera, e ela é específica para cada pessoa. Mas, está em interseção com a história de muitos. A história é uma ciência da vida do homem que está sempre em construção e a muito ainda para ser descoberto, construído e desconstruído. Pois o homem é um ser criativo e histórico por natureza os seus questionamentos terão muitas vezes respostas e assim ele sempre estará construindo uma nova história.

Mota e Braick (1997:4) defendem a ideia de que o homem faz história desde seu surgimento no planeta, e não a partir da invenção da escrita. Acredita ser o homem o sujeito da história, em sua história evolutiva superou deficiências físicas, adaptou-se ao ambiente garantiu e ampliou suas condições de sobrevivência, desenvolveu o raciocínio e produziu recursos naturais que aperfeiçoaram cada vez mais seu estilo de vida.

A produção histórica faz-nos refletir sobre a nossa identidade individual, as vivências de cada indivíduo, circunscrevendo uma relação de memórias preservadas e esquecidas.

De acordo com Souza (2005:114),

[...] a memória é elemento essencial na construção da identidade individual e coletiva apresentando-se, ao mesmo tempo, como instrumento e objeto de poder. Entende-se, dessa maneira a importância das políticas de preservação da memória que alçaram lugar de destaque nas lutas sociais em defesa do direito à democratização da cultura como fator de exercício da cidadania.

A conscientização da preservação das memórias é tarefa de todos, principalmente daqueles envolvidos com a produção do conhecimento científico. Conhecer, organizar, guardar e preservar os acervos contribui para a produção da história e da memória de uma sociedade.

“Memória não é referente ao passado, não se confunde com a negação do presente ou com as suspeitas com relação ao futuro. Memória é presente, existe no presente.” (MARTINS & ROCHA, 2005: 92), a memória é utilizada para compreensão da vida cotidiana dos sujeitos envolvidos, fazendo dela atributos para a formação das identidades culturais da aceitação do passado no presente para que o sujeito construa dispositivos que dão equilíbrio em uma sociedade.

A memória é uma aceitação das lembranças ou dos esquecimentos para que assim o ser humano possa resolver o seus conflitos, selecionando em sua memória fatores que recompense e dando sustentabilidade a existência humana, articulando as diversas culturas e preservando a sua transmissão.

A importância dos arquivos escolares

Sabemos que as instituições escolares são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Dito isso, têm identidade própria, historicidade, o que permite construir, sistematizar, reescrever o itinerário de vida de uma instituição e das pessoas a ela ligadas.

É fundamental para a história da educação, conhecer a escola por dentro, ou seja, suas especificidades, seus saberes, sua forma de organização, suas práticas curriculares, ou seja, a *cultura escolar*. Entendemos por cultura escolar o conjunto de teorias, normas, ideias, princípios, regras, rituais, rotinas, hábitos, práticas, formas de fazer e de pensar. Remete-nos aos comportamentos sedimentados ao longo do tempo e que se expressam por meio das tradições, regularidades e regras que são partilhadas pelos envolvidos no processo educativo nas instituições.

Assim, utilizamos neste trabalho como categoria de análise a *cultura escolar*, por colocar a escola como produtora de uma cultura específica e original. Conceito esse que vem sendo utilizado pelos historiadores da educação como um poderoso instrumento de análise das realidades educativas em várias de suas vertentes (JULIA, 2000; CHERVEL, 1990, VIÑAO FRAGO, 2000; FARIA FILHO; VIDAL et al., 2004).

Como diz Carvalho (1998:p.32) precisamos “penetrar a caixa preta escolar, apanhando-lhe os dispositivos de organização e o cotidiano de suas práticas, por em cena a perspectiva dos agentes educacionais [...]” interrogando o passado, com o objetivo de apreender o processo histórico por meio do qual foi se sedimentando o modelo escolar de educação.

Sabemos que as escolas brasileiras, originalmente, são depositárias de grande acervo documental, por vezes, fontes importantes de pesquisas que podem desvelar o que existiu ou existe na escola, revelando o perfil dos profissionais de educação, as propostas e as práticas pedagógicas, a vida dos alunos, as relações da escola com as políticas educativas e os saberes escolares muitas vezes são descartados. Quando não são descartados, são armazenados, sem qualquer cuidado arquivístico em sótãos, porões ou arquivos “mortos”.

Podemos dizer, que os documentos armazenados nos arquivos escolares configuram o patrimônio educativo de cada instituição e tornam possível escrever o itinerário da instituição. No caso da Escola Estadual 26 de Agosto fizemos o levantamento da documentação existente, e é urgente a tarefa de salvaguardá-los, pois, contém informações valiosas para a história da escola e para o estudo da *cultura escolar*.

Nosso interesse é o de discutir a cultura material associada à memória. Memória não é referente ao passado e nem se confunde com a negação do presente. Memória é presente,

existe no presente. Memória é tradição vivida: “memória é vida”, é atualização no “eterno presente”, é espontânea e afetiva, múltipla e vulnerável (SEIXAS, 2001). A memória também pode ser resistência ao esquecimento e ao silenciamento que são impostos, em dado momento histórico.

Por meio da história de uma instituição educacional podemos entender a historiografia de uma nação, pois possibilita uma visualização do espaço pesquisado, construindo a memória educacional dentro de uma realidade mais próxima dos fatos ocorridos. Mesmo com uma maior amplitude das pesquisas históricas, ela ainda ocorre de forma lenta e pouco produtiva, pois a falta de fontes em razão de sua destruição ou de sua desorganização faz com que a contextualização desses fatos na prática se tornem exaustivas.

Neves e Martins (2008: 45) asseguram que

[...] falar de lugares de memória em ambientes escolares, tornando apenas as questões dos arquivos como locais de guarda e problematizando as definições historicamente apresentadas, significa pensar também numa relação complexa que envolva propósitos e fins educacionais. Não é possível hoje, restringir a idéia de memória ao conceito rígido de documento ou àqueles materiais fisicamente organizados nos arquivos, museus e bibliotecas.

Mogarro (2005:104), contribui para o nosso entendimento quando assegura que por meio dos arquivos e das informações que possuem os documentos escolares é possível compreender “os vários discursos produzidos pelos actores educativos – professores, alunos, funcionários, e autoridades locais e nacionais, pois têm representações diversas sobre a escola”. Esta mesma autora nos revela que os arquivos constituem “o núcleo duro da informação sobre a escola, corresponde a um *conjunto homogêneo* e ocupa um *lugar central e de referência* no universo das fontes de informação que podem ser utilizadas” (Idem:104).

Consideramos que o contato com a documentação escolar tem-nos permitido conhecer o funcionamento dessa instituição escolar, tanto no campo das relações entre professores, alunos e comunidade como também na parte formal da escola como as notas, registro de alunos e de professores que ali ministravam aulas. Documentos importantíssimos para a compreensão do cotidiano da escola e dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Quanto à eliminação indiscriminada de documentos e lacunas observadas no período de 1936-1982 isso pode estar relacionado

a falhas nas normas legais que regulamentam a preservação de documentos nos estabelecimentos de ensino. [...] Nessas circunstâncias, com exceção dos dossiês, a guarda permanente dos documentos escolares não está prevista pelas normas legais.

Apesar do seu valor informativo e espécies documentais (MORAES et al, 2005: 120).

A falta de uma legislação para direcionar devidamente como devem ser armazenados e tratados os documentos históricos da instituição escolar, além da responsabilização devida para que essa tenha sua destinação apropriada faz com que se percam muitos documentos, havendo uma urgente necessidade dessa normatização legal devida.

Na Escola Estadual 26 de agosto, os poucos documentos que restavam do período 1936-1970 estavam guardados de forma inadequadas no almoxarifado, junto a materiais de limpeza. Lugar esse, com pouca ventilação, apenas uma porta, paredes com mofo, alguns documentos em caixas de papelão diretamente no chão e outros, em caixas plásticas e pastas de papelão. Outra parte dos documentos estava em um corredor que ligava recepção a coordenação da escola. Esses eram armazenados em prateleiras, dentro de pastas plásticas. A partir de 2012, os documentos não se encontram mais no almoxarifado, foram levados para junto dos restantes no corredor, parte desses documentos foram eliminados nesta mudança, mas ainda muitos dos documentos estão em pastas e caixas de papelão e envelopes de papel.

Observamos que no ano de 2011 foi realizada uma grande reforma na escola, e no início de 2012 verificamos que foi reorganizado o espaço físico da escola, criando espaço para almoxarifado, sala individual do diretor, sala para os contínuos, e foi separada uma sala para o material de limpeza. No entanto, para os arquivos não foi separado um espaço próprio e adequado e estes, continuam depositados no corredor entre a sala dos professores e a secretaria. Este corredor é estreito, sendo possível passar andando lateralmente, mostrando assim uma falta de consciência do valor da documentação da escola.

É importante dizer que grande parte dos documentos do período de 1936-1970 estão dispersos. As informações obtidas junto ao ex-diretor da escola é de que os documentos que permitem investigar a História dessa escola encontram-se na Escola Estadual Álvares Martins Neto e na Seleta. Em buscas realizadas na Escola Álvares Martins Neto foi constatado que nesta somente há documentação de escolas particulares. Na Álvares Martins fomos orientados à retornar a Secretaria de Educação (SED), já nesta informaram que não sabiam onde estava a documentação escolar da Escola 26 de Agosto e que quando alguém necessita de certificação que estudou nesta escola, os interessados levam testemunhas a SED, e assim emitem os certificados. Realizando nossa pesquisa de campo obtivemos a informação que existe um

acervo documental na Escola Estadual Clarinda Mendes de Aquino. Sabemos que na Seleta Sociedade Caritativa Humanitária (SSCH) tem um acervo da Escola, tentamos por vários meses obter esta documentação, mas por questões burocráticas internas da Seleta nos impediram o acesso à documentação que deveria estar na escola.

Os arquivos escolares são de fundamental importância pois tem como uma de suas principais atribuições organizar a administração escolar, pois registram a vida cotidiana de uma instituição e suas características. Mas por que os arquivos escolares são de suma importância para as instituições de ensino?

As instituições de ensino, certamente, possuem sua ata de instalação, primeiros estatutos e regimento interno, autorizações legais necessárias para o seu devido funcionamento, cadernetas escolares dos professores, registros de eventos (exposições, seminários, palestras), fotografias várias, inclusive de formatura, alunos em sala de aula etc. E ainda o material de secretaria como a matrícula de alunos, notas, os históricos escolares dos alunos, registro dos professores que deram aulas no estabelecimento, disciplinas que lecionaram, programas de cursos, entre outros. É um material que precisa ser conservado por longos anos, em razão do seu valor legal para atender a demanda de fornecimento de certificado para os alunos ou de tempo de serviço para os professores e funcionários. Alguns estabelecimentos de ensino são bastante cuidadosos com seus arquivos institucionais, embora a maior parte deles, muitas vezes, não se preocupe muito com a sua adequada conservação e preservação (NUNES et al, 2009: 57).

Medeiros (2009:179) coloca que os arquivos escolares são de interesse público, e no caso devem ser mantidos pelas escolas. Existem arquivos públicos e privados, no caso de arquivos privados se a sua mantenedora for extinta estes arquivos tornaram-se totalmente públicos e será concedida a guarda dos documentos a instituições públicas por existir o interesse legal da sociedade na conservação e preservação.

Os documentos têm um valor intrínseco, neles encontramos a história da escola. Eles têm uma importância fundamental para que possamos construir a memória das escolas, no caso da escola 26 de agosto ela apresenta muitas peculiaridades e com estes arquivos tivemos a possibilidade re(criar) parte das memórias da Escola 26 de agosto.

Os arquivos históricos escolares em construção, expõem, aos múltiplos sujeitos, suas histórias, envolvem intelectualmente e afetivamente os participantes desse trabalho, ampliam debates sobre o significado sobre as fontes históricas num ambiente onde os documentos não se tornam velhos problemas de organização, mas fontes documentais para valorização e compreensão dos processos pedagógicos.[...] A questão temporal, a importância histórica do material nos leva a perscrutar sobre outras abordagens para o entendimento da escola sinalizam caminhos para discutir os registros educativos da sociedade em relação a escolarização, a formação docente

e estudantil, a trajetória social e política dos sujeitos escolares, a memória escolar movimentando lembranças, o registro corporal nesses espaços educativos, os discursos de autoridades e os discursos silenciados (NEVES & MARTINS, 2008: 2008).

Ao lidar com fontes, buscamos interrogá-las, relacionando-as com acontecimentos do período eleito para estudo. Na Escola Estadual 26 de agosto pudemos por meio dos documentos do arquivo compreender a relação entre a comunidade escolar, a sociedade, os membros da Seleta e os dirigentes da Secretaria Estadual de Educação.

O acervo arquivístico de uma escola é decorrente de suas atividades administrativas e pedagógicas. As atividades administrativas são atribuições específicas da secretaria, do departamento pessoal, da tesouraria e da diretoria. A sala de aula, ao lado da oficina, constituem os principais locais de desenvolvimento das atividades pedagógicas, onde são produzidos materiais relacionados à situação de ensino aprendizagem – materiais de uso didático e artefatos técnicos, além de registros sobre as classes e sobre cada aluno individualmente (MORAES; ZAIA; VENDRAMETA, 2005: 119).

Como o acervo de uma escola surge das atividades administrativas e pedagógicas deve ser muito bem organizado, pois eles produzem artefatos técnicos que podem aprimorar o dia a dia do ensino aprendizagem. No entanto, se não estiverem organizados a dificuldade em analisar e escrever a história da escola será muito maior. Em nossa pesquisa não verificamos a preocupação com a preservação e conservação dos arquivos.

No período estudado, percebe-se por meio dos registros encontrados, que membros da Secretaria Estadual de Educação fizeram pouquíssimas visitas ao educandário. Um dos registros refere-se à transferência da Escola Reunida da Indústria para a Escola Estadual 26 de Agosto, e nele, é possível observar orientações a respeito de documentação e o que deveria ser feito na falta de documentação de alunos e funcionários. Atentamos que já havia problemas de falta de registros e documentação escolar naquela época. Todavia, a Secretaria de Educação não deu muita atenção aos documentos, determinando apenas que a Escola 26 de Agosto deveria lavrar uma ata discriminando cada documento que seria recebido da Escola Reunida da Indústria. Com isso, pudemos observar que o descaso com a documentação da Escola 26 de agosto não é recente e não é de responsabilidade apenas de um grupo específico, mas de toda uma comunidade que deveria salvaguardá-los. A ata que registra as documentações recebidas pela Escola 26 de agosto não foi encontrada quando consultamos, e

o acervo de atas com os atos da Escola Reunida foi reutilizada constando registros de diferentes anos. Desse modo, observamos que há uma miscelânea na documentação escolar.

Foi observado que existem atas que estão desorganizadas no tempo. Elas apresentam datas não sequenciais, por exemplo, atas cujas páginas são do ano de 1980, e a folha seguinte é de 1981, e a posterior é de 1978 e a subsequente volta para o ano de 1980. E existem atas onde a discrepância de datas é ainda maior, e além da desorganização, essas atas apresentam também documentação misturada. Existem atas de notas, junto com de planejamento, atestados médicos e financeiros, e modelos para a utilização na secretaria. Deduzimos que isso ocorreu, pois existia espaços que ficava em branco nessas atas e em 1977 conforme o termo de visita era para que fossem eliminados esses espaços em branco, e nos espaços em brancos começaram a inserir dados de outros anos, e reescrever atas com informações que eram consideradas importantes. Observamos também que os espaços em branco eram riscados e neles anotado: “Em branco” simbolizando que ali nada havia sido escrito. As novas atas, nas páginas reescritas, não possuem assinaturas, carimbos da época, e estão desorganizadas.

As análises destes documentos nos mostram a participação direta e indireta dos sujeitos educacionais. Das informações encontradas, chama à atenção decisões tomadas informalmente pelos pais, alunos, professores e direção da escola, como exemplo, a junção das Escolas Reunidas das Indústrias, com as Escola 26 de Agosto onde por meio de uma reunião de pais e mestres, o diretor da época explicou para os pais, alunos, professores e contínuos que seria necessário fazer a construção das salas de aulas para abrigar os novos alunos que seriam transferidos e que seria necessário o apoio dos pais, mas não existe registro de que os pais e outras pessoas da escola tivessem aprovado a transferência, e nem houve uma decisão vinda por parte da Secretaria de Educação, só depois veio num termo de visita orientações do que deveria ser feito com a documentação.

Sabemos que há assim um discurso silenciado nos quais seus atores tomam decisões e comunicam a outros. Não foi possível identificar como foi realizada esta junção, quem aprovou, quem decidiu, de quem foi a idéia, o motivo desta junção, havendo apenas um comunicado do diretor da escola a comunidade escolar que formava a Escola 26 de Agosto no período pesquisado.

Outro detalhe que podemos destacar desde a época inicial da escola, assim retomando as memórias desta escola é que as reuniões eram realizadas sempre nas dependências da S.S.C.H, mais precisamente no Salão, pois essa sociedade fundou a escola e mantém convênio com o Estado alugando uma parte de suas dependências para o funcionamento da escola.

Observamos que existe uma relação próxima entre a S.S.C.H., a direção da escola, os pais, alunos, contínuos e professores. Percebemos que o convênio entre a Escola 26 de agosto e a S.S.C.H elevava o status desta escola fazendo com que seu alunos tivessem uma possibilidade de crescimento intelectual e profissional diferenciado de outras instituições públicas. Percebemos que as vagas nesta escola eram bastante disputadas, deduzimos que seja pela atuação da SSCH que desenvolvia atividades envolvendo toda a comunidade e além disto, oferecia cursos profissionalizantes e possibilitava aos sujeitos deste ambiente educativo o ingresso no mercado de trabalho.

Referências

CARVALHO, Marta Maria C. de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. IN. SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice B. (org.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

CASTRO, Celso. *Pesquisando em arquivos..* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.

FARIA FILHO, L. M. de, GONÇALVES, Irlen Antônio, VIDAL, Diana Gonçalves, PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n.1, p.139-159, jan./abr. 2004.

GADAMER, H. G., et al. *História e Historicidade*. (Trad. Germiniano Cascais Franco). Lisboa. 1988.

JULIA, Dominique. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. (Trad.Elizabeth Macedo e Alice Casimiro Lopes). In. LOPES, Alice Casimiro & MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Disciplinas e integração curricular: História e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MARTINS, Maria do Carmo, ROCHA, Heloísa Helena Pimenta, Lugares de memória: sedução, armadilhas, esquecimento e incômodos. *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 23, n.2, jul./dez., 2005, P. 92.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. *Pro-Posições*. Campinas, SP, v. 16, n. 1(46) – jan./abril. 2005. p. 104.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal, ZAIA, Iomar Barbosa, VENDRAMETA, Maria Cristina. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. *Pro-Posições*. Campinas, SP, v.16, n.1(46) – jan./abril. 2005. p. 119.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. *História: das Cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna, v. único, 1ed. 1997, p. 4.

NEVES, Xavier Rogério; MARTINS, Maria do Carmo. *Memórias e História da escola*. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras. 2008

NUNES, Antonietta d'Aguiar, MATOS, Maria Teresa Navarro de Brito, CABRAL, Ilma da Silva. *A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória*. Os arquivos e a memória da educação na Bahia: recordando localmente para conhecer globalmente. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009, p. 57.

RIBEIRO, Marcus Vinício Toledo. Os arquivos das escolas. IN: NUNES, Clarice (coord). *Guia preliminar de Fontes para a História da Educação Brasileira*. Brasília: INEP, 1992,

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. IN: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

SOUZA, Rosa Fátima de. Arquivos pessoais e preservação da memória da ciência e da universidade: a contribuição do Núcleo de Documentação e Memória do câmpus da Unesp de Araraquara (NDM - CCPWS). *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 23, n.2, jul./dez., 2005, p. 114.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.0, p. 63-82,1995. _____.*Culturas Escolares* (texto mimeo).2000.